



“Confusion de Confusiones”

João Duque
jduque@iseg.ulisboa.pt

A TRISTE OPORTUNIDADE

Será que desta vez Portugal vai mesmo receber bem os ucranianos? Há umas décadas, pusemos médicos ucranianos a trabalhar nas obras e médicas ucranianas como empregadas de limpeza.

Portugal está velho. Os casais mais jovens recusam-se a procriar, alegando muitas e justas preocupações. Cada vez há menos nascimentos, porque há cada vez menos portugueses jovens e porque estes têm cada vez menos filhos por casal. A combinação das duas razões resulta numa dramática redução da população, que já começa a sentir-se no total de habitantes. Dentro de duas décadas será terrivelmente visível.

O índice de envelhecimento da população portuguesa, que mede quantas pessoas com 65 e mais anos existem por cada 100 pessoas menores de 15 anos, passou de 102 em 2001 para 182 em 2021! Ao mesmo tempo, o índice de dependência total, que mede quantos jovens abaixo de 15 anos e pessoas acima de 65 existem por cada 100 portugueses em idade ativa, passou de 48 em 2001 para 57 em 2021! Estamos a desaparecer e a criar um problema gigantesco a médio e longo prazo. Canso-me de o repetir.

Temos de dar aos ucranianos condições tão atrativas que lhes conquistem o coração. Temos de remunerar o conhecimento e a dedicação, não a ignorância, o trabalho sem qualificação e desinteressado

Os Governos de António Costa gostam de olhar para o presente e agradecer aos que o elegem e não pensam nos que irão um dia votar. As misérrimas políticas que acenam aos jovens para estimular a renovação populacional portuguesa tiveram resultados pífios. Pior, os jovens munidos de formação fogem de Portugal. Não estamos a atraí-los ou a segurá-los. Alguns até ficam, porque conseguem trabalhar a distância para empresas não-portuguesas, gerando valor acrescentado fora, que é tributado fora.

Por isso ter a oportunidade de, repentinamente, receber milhares de jovens mães e avós com filhos e netos que fogem das garras da russa água bicéfal é uma oportunidade única, cuja origem é triste. Mas temos de lhes dar condições tão atrativas que lhes conquistem o coração, para que os homens queiram juntar-se-lhes depois de terminada a guerra. Não o oposto. Temos de remunerar o conhecimento e a dedicação, não a ignorância, o trabalho sem qualificação e desinteressado, temos de banir de vez os esquemas, os compadrios e as amizades políticas.

É obrigatório aproveitar esta oportunidade para dar um novo alento, mais jovem e audaz, à economia portuguesa e aos empresários! Temos de ser tolerantes perante alguma diferença cultural ou linguística. Temos de os ajudar a integrarem-se, a vingarem e a serem bem-sucedidos! Eles precisam de nós, e nós deles!

Sejam muito bem-vindos a Portugal, irmãos ucranianos!

GUERRA NA UCRÂNIA



Qual o impacto das sanções na Rússia e na União Europeia?

A economia russa pode enfrentar uma recessão profunda. Os 27 devem apenas abrandar. Mas no passado as sanções têm sido pouco eficazes como forma de pressão política

Textos SÓNIA M. LOURENÇO

Sanções. Imediatas e em força. Essa foi a resposta ocidental, nomeadamente da União Europeia, à invasão russa da Ucrânia, e tem vindo a ser reforçada. O impacto sobre a economia russa é grande. Mas a UE não escapa incólume. Aplicar sanções implica um custo para os 27, ainda que os economistas o classifiquem como “pequeno”. E será que as sanções são eficazes a atingir os objetivos propostos — neste caso, parar a guerra? Os estudos apontam que muitas vezes não o são.

Congelamento das reservas internacionais do banco central, exclusão da banca do sistema SWIFT, que assegura o funcionamento das operações bancárias internacionais, e congelamento ou mesmo expropriação de bens de elites russas no estrangeiro. Estas são as principais sanções impostas pelo Ocidente sobre o regime russo (ver caixa). Somou-se a saída, por iniciativa própria, de muitas multinacionais daquele país.

Como resultado, “o MOAXX, principal índice bolsista russo, perdeu em duas semanas mais de 40%, até que a bolsa russa fechou. O rublo perdeu quase metade do valor contra o euro e a inflação está a disparar”, elenca Pedro Brinca, economista e professor da Nova SBE. “Os russos preferem agora gastar os seus rublos em bens duradouros que possam servir de reserva de valor, o que agudiza ainda mais a inflação. A população russa forma filas imensas nas caixas automáticas para levantar dinheiro. A desvalorização do rublo e as limitações ao comércio internacional impostas pelas sanções e boicotes levam a que seja cada vez mais difícil à Rússia manter a sua economia a funcionar”, reforça Kristalina Georgieva, presidente do Fundo Monetário Internacional (FMI), afirmou numa entrevista recente que a Rússia pode enfrentar uma “recessão profunda” na sequência do impacto “severo” das sanções “sem precedentes” impostas ao país. E a agência de notação de risco Fitch avisou que o incumprimento da dívida soberana russa está “imminente”.

O país já era alvo de sanções ocidentais desde 2014, na sequência da anexação da Crimeia. “Em parte por causa destas sanções, a economia russa viveu uma década perdida”, apontam os economistas do Bruegel, um centro de investigação económica sediado em Bruxelas. Segundo as estimativas do FMI, essas sanções reduziram o Produto Interno Bruto (PIB) russo entre 1% e 1,5%.

Agora são muito mais fortes. Mas será que são eficazes para atingir o objetivo, ou seja, travar a guerra? A Global Sanctions Database, da Drexel University, nos Estados Unidos, analisou 1101 casos de sanções, entre 1950 e 2019, e conclui que, levando em conta as sanções ainda em curso, a taxa de sucesso, pelo menos parcial, fica pelos 30%. Valor em linha com os 34% apurados na investigação de referência nesta área de Hugbauer e coautores.



Sanções de Bruxelas sobre a Rússia visam travar a invasão da Ucrânia. FOTO: STEPHANIE LECCOCQ/AFP VIA GETTY IMAGES

Os estudos “mostram que muitas vezes as sanções não são eficazes”, vinca Pedro Brinca, referindo razões como “objetivos pouco tangíveis e instrumentos demasiado fracos”, a par de “poderem unificar os cidadãos do país sancionado à volta dos seus líderes” e a “eventualidade de países não-alinhados, com meios para isso, poderem ajudar os países sancionados”.

Lembrando que a Rússia estava sob sanções desde 2014, João Borges de Assunção, economista e professor da Católica-Lisboa, frisa que “o seu comportamento não mudou significativamente. Os ditadores autocráticos são notoriamente resilientes e as sanções raramente alteram o seu comportamento ou provocam mudanças relevantes no topo do Governo”. Também José Alves, economista e professor do ISEG, aponta que “as sanções económicas não têm revelado grande eficácia na alteração do comportamento dos regimes sancionados”. Em todo o caso, “podem ser eficazes se forem especialmente direcionadas contra os ativos económicos das elites e das empresas que sustentam o regime”.

Custo para a UE é “pequeno”

Do lado da UE, o efeito direto da guerra “é o aumento do preço da energia e possivelmente também dos bens alimentares”, aponta Pedro Brinca. Mas as sanções aplicadas também têm um custo para os 27, “porque quebram a relação comercial entre os dois blocos. O comércio traz ganhos para os dois lados, que são agora perdidos”, explica Ricardo Reis, economista e professor da London School of Economics, no Reino Unido. “No entanto, o custo esperado é pequeno, porque a economia russa é relativamente pequena”, argumenta. Pedro Brinca concorda: “O PIB europeu é cerca de 10 vezes

superior ao russo. A UE representa cerca de 75% do investimento direto estrangeiro na Rússia e quase 40% do seu comércio externo. Já a Rússia representa menos de 2% do investimento direto estrangeiro e não chega aos 5% do comércio externo da UE.”

Tudo somado, na semana passada o Banco Central Europeu (BCE) baixou a projeção de crescimento na zona euro este ano de 4,2% para 3,7%, admitindo, no cenário mais adverso, que a expansão económica possa ficar pelos 2,3%.

A questão é até onde podem ir as sanções impostas pela UE. Os Estados Unidos anunciaram o boicote às importações de petróleo e gás russos. Mas a UE não deu esse passo. Os custos para os 27 “são muito maiores”, reconhece Pedro Brinca. Na UE, 40% das importações de gás natural, por exemplo, vêm da Rússia. “A economia europeia, por falta de visão estratégica, tem um problema de insuficiência energética, que, em parte, é colmatada pela importação de combustíveis fósseis da Rússia, nomeadamente gás natural. Com a imposição de sanções, as leis básicas da economia mantêm-se: para a mesma procura e com a redução da oferta, o preço irá naturalmente disparar”, aponta, por sua vez, José Alves.

“Mas ‘podemos dar’ esse passo, defende Pedro Brinca, afirmando que “não faz sentido enviar biliões de euros de ajuda à Ucrânia enquanto enviamos biliões de euros à Rússia”. Ricardo Reis concorda: “Bloquear as importações de energia é o próximo passo e teria um efeito devastador na economia russa. As outras sanções já levaram a que a maioria das exportações russas cessassem. Mas continuam as de energia e as suas receitas podem permitir sustentar o esforço da guerra.” Segundo cálculos de economistas do Bruegel, o valor que a UE paga à Rússia pelos fornecimentos de energia pode atingir €775 milhões por dia na primeira metade deste ano.

Qual seria o preço desse boicote? O estudo “What if? The Economic Effects for Germany of a Stop of Energy Imports from Russia”, conclui que, no caso da Alemanha, “custaria menos de 1% do PIB alemão, algo entre €80 e €120 por cidadão alemão por ano. Mesmo no pior dos cenários, esse custo não ultrapassaria 2,5% do PIB, ou cerca de €1000 per capita. É muito menos do que sofremos recentemente com a pandemia, em nome de algo que pode ser decisivo na definição do mapa geopolítico da Europa dos próximos 50 anos”, destaca Pedro Brinca.

PRINCIPAIS SANÇÕES DA UE SOBRE A RÚSSIA

Reservas internacionais

■ Excluiu da banca russa do Reino Unido, Canadá, Austrália e Suíça, entre outros países, congelaram as reservas internacionais do banco central da Rússia. Uma medida com um efeito “devastador” para a economia e a moeda russa. Mas palavras dos economistas do Bruegel, um centro de investigação económica sediado em Bruxelas.

Exclusão do SWIFT

■ A exclusão da banca russa do sistema SWIFT, que assegura as operações bancárias internacionais mais comuns, como transferências e ordens de pagamento, torna muito difícil qualquer relação comercial internacional.

Congelar bens dos oligarcas

■ Expropriar ou congelar bens das elites russas no estrangeiro coloca pressão sobre a base económica das figuras mais influentes do regime. “É provável que o agravar das sanções económicas focadas nas elites russas faça aumentar o coro daqueles que, mesmo se discretos publicamente, estarão a tentar obrigar Putin a repensar o decurso da guerra”, diz José Alves, professor do ISEG.

Multinacionais saem da Rússia

■ Por iniciativa própria, muitas multinacionais deixaram o país. São já cerca de 400.

“Existe a convicção clara de que, salvo uma escalada militar que leve a uma guerra aberta na Europa, quaisquer efeitos económicos para a Europa que advinhem deste conflito terão consequências relativamente pequenas no PIB, em particular se comparadas com o que acabamos de viver em pandemia”, remata Pedro Brinca. Ricardo Reis fala num “preço recessionário, embora não precise de causar uma recessão, mas antes um abrandamento da expansão que estávamos a viver. E um choque mais pequeno do que foi a pandemia. Agora tudo depende da dimensão que a guerra possa assumir”.

slourenco@expresso.imprensa.pt

AS SANÇÕES ATINGEM OS SEUS OBJETIVOS DECLARADOS?

Objetivos declarados para casos de sanções entre 1950 e 2019, por resultado alcançado



Fonte: GLOBAL SANCTIONS DATABASE/ THE NEW YORK TIMES